

VIAJANTE/TURISTA – CATEGORIAS EM DISCUSSÃO COM BASE NO FILME *O CÉU QUE NOS PROTEGE*, DE BERNARDO BERTOLUCCI.¹

MARI GUIMARÃES SOUSA²

Turner: Somos os primeiros turistas desde a guerra.

Kit: Somos viajantes, não turistas.

Turner: Qual a diferença?

Port: O turista pensa em voltar para casa assim que chega.

Kit: E o viajante pode nem voltar.

O céu que nos protege, Bertolucci

Á medida que viaja, o viajante se desenraíza, solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades.

Octávio Ianni

O filme **O Céu que nos protege** (*The Sheltering Sky*), de Bernardo Bertolucci (1990), baseado no livro autobiográfico de Paul Bowles (1949), apresenta a história de um casal de escritores americanos Port (John Malkovich) e Kit (Debra Winger), acompanhados de um amigo, Turner (Campbel Scott), que viajam pela África do Norte, por volta de 1948, logo após a Segunda Guerra Mundial, período marcado pelo processo gradativo de descolonização das colônias européias situadas na Ásia e África (PEREIRA, 1980)

Os personagens Kit e Port buscam na vastidão do Saara um sentido para suas vidas, novas experiências na esperança de reconstruir as suas próprias vidas e, com isso, salvar um casamento de dez anos que se acha em crise. Daí, o casal não se considera turista, mas viajante. Diferentemente, o amigo Turner se considera um turista, pois não vê a hora de retornar para casa.

Ao introduzir essa dicotomia *viajante/turista*, o filme coloca em pauta uma discussão que é muito abordada por autores contemporâneos, a exemplo de Ferrara (1999), que trata

¹ Trabalho publicado na Revista Espaço Acadêmico, junho de 2004
(<http://www.espacoacademico.com.br/037/37esousa.htm>)

² Graduada em Letras (Inglês), Pós-graduanda do Curso de Especialização em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa e Mestranda do Curso Cultura & Turismo da UESC - Ilhéus, BA. e-mail: marigsousa@hotmail.com.

dessa questão de modo que *viagem* e *turismo* se apresentam com abordagens bem distintas. Primeiro, o termo *viagem* é definido como um “o olhar que se desloca” (ibidem, p17), que aqui interpreto como um olhar que busca algo que vai além do visível. Por sua vez, o *turismo* é entendido como “o olhar que se concentra” (p. 20), ou seja, é o olhar (treinado) que já sabe o que deseja ver/conhecer. Para essa autora, o que diferencia essas duas instâncias são as motivações que as impulsionam. Desse modo, o termo *viagem* é compreendido, sumariamente, como uma busca do desconhecido que envolve principalmente o prazer da descoberta do espaço em todas as suas instâncias, sejam elas, sociais, culturais e/ou históricas. Esse espaço (geográfico/cultural = lugar), é denominado por Carlos (1999, p. 28) “como o produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade. Aí o homem se reconhece porque aí vive”. Essa concepção de lugar é importante porque admite um elo afetivo entre o lugar, propriamente dito, e os seus habitantes.

O olhar do viajante é um olhar que se caracteriza por uma abertura que permite o conhecimento do outro, pois, como convém observar, é sob esse aspecto que as diferenças e as similitudes identitárias se estabelecem e se confrontam. Nesse sentido, a identidade deve ser entendida, conforme Warnier (2000, p.12), como um “conjunto de repertórios de ação, de língua e de cultura que permitem a um indivíduo [se] reconhecer” e, ao mesmo tempo, em um processo dialético, se diferenciar de outros grupos sociais. De acordo com esse autor “a identificação individual e coletiva pela cultura tem como corolário a produção de uma *alteridade* em relação aos grupos cuja cultura é diferente. O contato intercomunitário suscita as reações mais diversas: idealização do outro, atracção pelo exótico, do *belo selvagem*, mas também o desprezo, a incompreensão, a rejeição que podem desembocar na xenofobia e na humilhação” (ibidem, p. 13) [grifos do autor]. Nesse sentido, conhecer verdadeiramente a cultura do outro (que está atrelada ao lugar) significa, acima de tudo, respeitar a memória, os costumes, as tradições, as crenças, a história do lugar.

O *viajante*, de uma forma geral, é movido primeiramente por um sentimento de liberdade, de vontade, do desejo de ir em busca do dessemelhante, onde a “experiência da viagem permite fremir o eu excitado pelos novos panoramas e [pelos] novos contatos” (Ferrara, 1999, p. 19). Essa citação encaixa-se perfeitamente no perfil do personagem Port, em que a opção de se deslocar para lugares tão distantes, como a África do Norte – Marrocos, Argélia, Tunísia - lhe permite experiências inimagináveis, pois o contato com pessoas de

culturas tão diversas e tão peculiares lhe proporciona realizar comparações entre si próprio e o outro. Por conseguinte, nesse exercício de confronto de alteridades, as diferenças e semelhanças, individuais e coletivas, são estabelecidas. Port é movido por uma busca de caráter existencial. Nesse sentido, o termo *viagem*, se bifurca novamente e deve ser compreendido tanto como metáfora do desconhecido, como metáfora do prazer que se manifesta na concretização da descoberta. Para Port e Kit são duas *viagens* em uma, *viagens* que se deslocam e se interagem entre si: uma é interior, em busca de si mesmos, a outra, externa, onde a paisagem desértica provoca deslumbramento e temor.

O cenário do filme, cuja fotografia é extraordinária, se apresenta por magníficas imagens do Saara. Essas imagens são intercaladas, ao longo do filme, e se contrapõem com as imagens das cidades que fazem parte do percurso realizado pelos protagonistas. Na longa travessia, e sem nenhuma pressa – nem dos personagens nem dos meios de transporte -, sob o calor escaldante do deserto, as cidades surgem sem nenhuma infra-estrutura. A realidade visível é a de extrema pobreza e de muita sujeira, o que parece justificar a presença de tantas moscas em determinados locais. Junto com as cidades surgem povos bastante sofridos. Pessoas famintas, cobertas por andrajos e insetos, mendigos por toda parte - todo esse quadro, convém ressaltar, é incompatível com roteiros planejados para uma atividade turística. O estado de miséria absoluta que se faz presente nos lugares de passagem que tanto incomoda Kit é resultante, em grande parte, dos absurdos causados pela política de exploração que se sucedeu com o imperialismo das grandes nações européias, que mais tarde, culminou na I e II Grandes Guerras. No entanto, Port parece indiferente a tudo aquilo. Pelo contrário, sente-se fascinado e não apresenta qualquer receio em interagir com a população. Desse modo, o personagem encarna o papel do *viajante*, pois se comporta como aquele que está disposto a desvendar, apreender, vivenciar o lugar sem expressar qualquer estranhamento. Assim, “a viagem pode alterar o significado do tempo e do espaço, da história e da memória, do ser e do devir. Leva[r] consigo implicações inesperadas e surpreendentes” como sugere Ianni (2000, p. 22).

No entanto, convém mencionar, que nem sempre as viagens são movidas por bons propósitos. Estou me referindo à descoberta do Novo Mundo em que as viagens de conquistas tornaram-se sinônimo de viagens de exploração onde populações inteiras, quando não dizimadas, foram subjugadas e levadas a uma opressão que se remaneja continuamente e se faz perdurar até os dias de hoje. Isso sem mencionar os longos processos de aculturação aos quais os povos conquistados foram (e ainda se encontram submetidos). Fartos exemplos são

encontrados na história da civilização humana, sobretudo com o advento das grandes navegações quando entraram em cena os *viajantes-conquistadores* ocidentais.

Numa perspectiva diacrônica, pode-se afirmar que a nossa civilização foi aumentada por meio das *viagens-deslocamentos*. A História ocidental está repleta de acontecimentos como o advento das Cruzadas nos séculos XI a XIII, bem como das Grandes Expedições Marítimas entre os séculos XV e XVI, período em que os portugueses e os espanhóis tornaram-se imbatíveis no aprimoramento das técnicas de navegação. Foram, eles os desbravadores *dos mares nunca dantes navegados*, cantados em verso e prosa pelo grande poeta português Luís Vaz de Camões (1524?-1580), em **Os Lusíadas** (1572) - uma epopéia que narra os feitos heróicos de seu povo que liderados por Vasco da Gama, o grande navegador, ultrapassou os limites marítimos conhecidos – dentre eles, o Cabo das Tormentas que une o Oriente ao Ocidente. Dava-se o início de uma conformação global do mundo. Mais tarde, Fernando Pessoa em **Mensagem**, 1934, retoma o tema dos grandes navegadores com o intuito de exaltar a nacionalidade portuguesa.

Com o achamento³ do Novo Mundo entra em “curso a gênese do capitalismo, que envolve busca de metais preciosos, especiarias, produtos tropicais, matérias-primas, formas compulsórias de organização do trabalho e produção, pirataria, intensa e generalizada reprodução mercantil e metamorfose do dinheiro em capital.” (Ianni, 2000, p. 44). Todo esse processo permitiu modificar a história e redesenhar um novo mapa geográfico e político do mundo. A relação dicotômica colonizador/colonizado teve como maior consequência a divisão do mundo em dois grandes blocos: o dos países que detêm o poder **tecnológico**, portanto, os meios de produção e os países subjugados que são obrigados a fornecer a matéria-prima e a comprar os produtos manufaturados das metrópoles européias. Esse sistema perverso explica, mas não justifica, o grande contraste das diferenças socioeconômicas que vigora em todo o mundo até o presente século.

As circunavegações realizadas nos séculos XV e XVI forneceram a base para o estabelecimento do projeto da modernidade que, por sua vez, se fundamentou em “domar a natureza [...], o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, a expansão do capitalismo industrial” (Featherstone, 1997, p. 105). O desenvolvimento do Capitalismo levou as nações européias à disputa de conquista e exploração dos continentes africano e asiático entre os anos de 1870 e 1914. Esses fatores contribuíram incisivamente para as grandes guerras.

³ A expressão é de Simões e Gonzaga, 1999

Em se tratando de guerras, algumas considerações precisam ser feitas. De acordo com Giddens (1991), as guerras mundiais constituem-se, indiscutivelmente, em um dos lados mais sombrios da Modernidade. O autor explica que, dentre outras razões, as grandes guerras foram geradas por meio de um acúmulo desenfreado de abuso do poder das nações européias ocidentais. Esse poder manifestado sob a forma de uma política totalitária teve por consequência imediata o desenvolvimento militar que, por sua vez, financiou a industrialização da guerra. Desse modo, o mundo tornou-se “carregado e perigoso” onde o medo e a desconfiança têm gerado “a perda da crença no progresso [...] um dos fatores que fundamentaram a dissolução das ‘narrativas’ da história” (ibidem, p. 19) das grandes nações.

Após um longo intervalo que tratou das conquistas e atrocidades da Europa Ocidental, faz-se necessário um retorno sobre a questão do *turismo*. De acordo com Ferrara, o *turismo* deve ser compreendido enquanto uma atividade organizada e institucionalizada, pois, o “caráter burocrático/comercial do turismo é um elemento fundamental para distingui-lo da *villeggiatura*” (ibidem, p. 21, grifo da autora) [leia-se viagem;]. Ou seja, o *turista* tende a cumprir uma programação previamente elaborada pelos agenciadores cujo roteiro é analisado e posteriormente, selecionado de acordo com o desejo e as possibilidades aquisitivas do interessado.

No caso do filme, o ‘boa vida’ Turner, um personagem de pouco relevo, convém referir, se adapta perfeitamente no papel do *turista* que busca passivamente apenas o exótico, “viaja por curiosidade e ociosidade” (ibidem, p.20). Trata-se, na verdade, de um belíssimo jovem, vaidoso e muito rico, mas que não possui nenhuma ocupação profissional. Turner só aceitou viajar com o casal movido pelo desejo de uma aventura amorosa com Kit. Aí, nesse caso, a atividade turística visa ao preenchimento do tempo e do espaço como uma alternativa de lazer. Assim, o espaço visitado, sob o signo da sociedade de consumo, torna-se tão somente um objeto mercantilizável, de tal modo que o *turismo* assume uma conotação de exclusivismo, pois é uma atividade que “não é comum a todos, mas destina-se, apenas aos privilegiados que podem virar turistas” (p.20). E ser turista, nesse caso, é ter poder aquisitivo para desfrutar do conforto e da segurança de uma viagem meticulosamente planejada, com a programação pré-estabelecida, de tal modo que os riscos de algo dar errado ficam, pelo menos teoricamente, impossibilitados. É pertencer a uma elite financeira cujos sonhos realizam-se mediante pagamento efetuado. Mas, e quanto ao prazer da descoberta, do encantamento, da novidade, do inesperado, que move os *viajantes*? (SIMÕES, 2001).

Embora as possibilidades de viagens que temos hoje sejam inúmeras, seja física, virtual ou metaforicamente, o que prevalece sempre, ao que parece, é o prazer da descoberta. O encontro com o novo. A busca de conhecimento. A viagem, em nível metafórico, deve envolver o descobrir-se a si mesmo e, concomitantemente, o outro. Esse é um processo que, conforme Ianni (2000, pp. 13-14), “envolve ultrapassar fronteiras, tanto as dissolvendo como as recriando. Ao mesmo tempo em que demarca diferenças, singularidades ou alteridades, demarcam [também] semelhanças, continuidades, ressonâncias. [...] Nessa travessia, pode reafirmar-se [ou negar-se] a identidade e a intolerância. [...] sob vários aspectos, a viagem desvenda alteridades, recria identidades e descortina pluralidades.”

O desejo de ultrapassar fronteiras, descobrir, buscar novos conhecimentos, conquistar e dominar outros povos e territórios faz parte, conforme citei anteriormente, da História da civilização humana. Essa busca incessante se constitui na força motriz que impulsiona o homem em seus deslocamentos desde os seus primórdios. Seja pela necessidade de sobrevivência – busca de novas formas de alimentos, por exemplo, seja pela própria natureza irrequieta e insatisfeita do ser humano, a ânsia que o movimenta à procura do novo aliado ao prazer, constitui-se em uma força reconhecidamente inesgotável.

Esta disposição ao deslocamento que se observa ao longo de toda a história vem confirmar que o homem é um perpétuo viajante. Contudo, como pudemos observar, as motivações que impulsionam as viagens nunca são as mesmas. As características e as condições das viagens diferenciam-se também em suas denominações. Oliveira (2000, p. 32), por exemplo, afirma que “é importante diferenciar os termos *deslocar-se*, *viajar* e *fazer turismo*”. Para o autor são três instâncias que se diferenciam tanto pelas motivações como pelas condições da viagem. Desse modo, *deslocar-se* corresponde ao “ato praticado por pessoas que mudam de cidade [...], que vão morar em outros locais, sem retorno imediato ao local de origem”; *viajar*, por sua vez, é “o ato de deslocar-se temporariamente de um lugar para outro, sempre com a intenção de retornar” (convém lembrar que esta definição se contrapõe a definição de Port) e finalmente, *fazer turismo*, “pressupõe uma viagem temporária que exige infra estrutura adequada”.

Por outro lado, Oliveira (op. cit.) afirma que o vocábulo *turismo* tem a sua origem etimológica na palavra *tur* do “hebreu antigo e corresponde ao conceito de *viagem de descoberta, de exploração, de reconhecimento*.” [os grifos são do autor]. Portanto, os significados se interpenetram Nesse sentido, quando é que *viagem* realmente se distingue do *turismo*?

Penso que a maior questão talvez não seja verdadeiramente esta, afinal temos tantas formas de viajar hoje, seja física, virtual ou imaginária que chegamos até mesmo a confundir imagens e sonhos com realidades. Tanto que os tipos de experiências se desdobram e se multiplicam proporcionadas pelo grande aparato tecnológico de que hoje dispomos. De modo que vivemos um dia-a-dia intenso, agitado, dinâmico, sujeito a contínuas modificações que desestabilizam as pessoas tanto física como emocionalmente. Esse ritmo acelerado de vida a que se submetem as pessoas, principalmente nos grandes centros urbanos, tem gerado um grande mal-estar, um sentimento generalizado de instabilidade e, dessa forma, é que atingimos o tão proclamado estresse. De Masi (2000) diz que é típico da sociedade pós-industrial a desestruturação do tempo e do espaço e isso tem gerado muitos conflitos.

Se a vida, por um lado, se tornou mais fácil com o desenvolvimento e a rapidez dos meios de transporte e de comunicações (telefonía, internet, tv, etc), por outro lado, tem levado a humanidade a um constante desafio: sobreviver em um mundo extremamente acelerado e homogêneo. É sabido que toda essa parafernália tecnológica contribui, sobremaneira, com uma espécie de desencantamento do mundo, tanto que a “nossa compreensão sobre viagens e lugares, bem como a maneira como a experienciamos, vem sendo fortemente afetadas pela mercantilização e pela hiper-realidade da mídia que tudo altera com estratégias de publicidade e marketing” (Godey, 2002, p 131). No atual contexto de globalização e mundialização cultural que Ortiz (1998, p. 30) define como “um fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais”, transformando tudo em uma coisa só, torna-se um grande desafio buscar novas alternativas de viagens que possibilitem o encontro com o novo, o dessemelhante. Algo que possibilite desvendar alteridades, no sentido de auto-afirmar-se, de fazer parte de uma “travessia, a despeito de despojar-se, libertar-se e abrir-se, [onde o viajante procura] reafirma seu modo de ser, observar, sentir, agir, pensar ou imaginar. No limite, são muitos os viajantes que buscam e rebuscam o seu eu, ou a sua sombra. Mesmo quando parecem fugir, estão se procurando no diferente, desconhecido, outro” como tão bem recomenda Otávio Ianni (2000, p. 30)

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CARLOS, A.F.A. O turismo e a produção do não-lugar. In.: **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. Yázig, Eduardo, 1999, pp.25-37

FEATHERSTONE, M. **O desmanche da cultura. Globalização, pós-modernismo e identidade**. Trad. Carlos E. M. de Moura. São Paulo : Studio Nobel, 1997. 289 p.

FERRARA, Leocrécia D'Alessio. O turismo dos deslocamentos virtuais. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 199. p. 15 - 24

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo : Ed. Unesp, 1991. 177 p. [Introdução, p. 11-60].

GOODEY B. Turismo Cultural: novos viajantes, novas descobertas. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (org). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG; Território Brasilis, 2002. p.131 – 138.

HANNERZ, U. Fluxos, fronteiras, híbridos. In: **Mana. Estudos de Antropologia Social**, v. 3, n. 1, abril 1997, p. 7-38.

IANNI, O. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2000, 319 p.

MASI, D.. **O ócio criativo**. Entrevista a Maria Serena Palien. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1994, 234 p.

PEREIRA, J.M.N. **Colonialismo, Descolonização e Neo-Colonialismo**, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 1980.

SIMÕES, M.L.N. **Viajar é preciso?** Publicado no Boletim da Embaixada do Brasil em Lisboa. Julho/2001

WARNIER, J.P. A art Zen contra Titanic. In: **A Mundialização da Cultura**. Trad. Luís Felipe Sarmiento. Lisboa: Notícias, 2000, p. 9-21